

Relação entre o estilo cognitivo dependência-independência de campo e prática desportiva

Mauro de Oliveira Magalhães

*Universidade Federal da Bahia
Salvador, BA, Brasil*

Carolina Collares Borghetti

*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, RS, Brasil*

Lia Mara da Rocha Leiria

*Faculdade Porto-Alegrense
Porto Alegre, RS, Brasil*

RESUMO

Esta pesquisa investigou a relação entre o estilo cognitivo dependência-independência de campo e a prática de esportes de habilidades abertas ou fechadas. Os esportes de habilidades abertas caracterizam-se pela interação de adversários em jogo, e os de habilidades fechadas pela ausência de perturbação externa sobre o desempenho do atleta. A dependência-independência de campo é uma dimensão de estilo cognitivo associada ao grau de diferenciação das fronteiras corporais. O Teste de Figuras Mascaradas (GEFT) foi aplicado em 149 sujeitos, 84 atletas de esportes de habilidades abertas e 65 de habilidades fechadas, 77 homens e 72 mulheres. Homens em esportes de habilidades fechadas mostraram-se mais independentes de campo do que os de habilidades abertas; esta diferença não ocorreu no grupo feminino. Entre os atletas de habilidades abertas, mulheres revelaram maior independência de campo do que homens. Conclui-se que há interação entre sexo e tipo de esporte para diferenças em independência de campo.

Palavras-chave: estilo cognitivo; independência de campo; esporte.

ABSTRACT

Relation between the cognitive style field dependence-independence and the practice of sports

This research investigated the relation between field dependence-independence and the practice of closed-skill and open-skill sports. Open-skill sports are characterized by the interaction between opponents, and the closed-skill sports lack external interferences on the athlete's performance. Field dependence-independence is a cognitive style dimension associated with the degree of body boundaries differentiation. The Group Embedded Figures Test (GEFT) measured field independence in 149 athletes, 84 athletes of open-skill sports and 65 athletes of closed-skill sports, 77 men and 72 women. Men of closed-skill sports showed more field independence than men of open-skill sports; this difference didn't happen in the feminine group. Within open-skill athletes women revealed higher field independence than men. The results showed the interaction between sex and sport type for differences in field independence.

Keywords: cognitive style; field independence; sport.

RESUMEN

Relación entre el estilo cognitivo dependencia-independencia de campo y la práctica deportiva

Esta pesquisa investigó la relación entre el estilo cognitivo dependencia-independencia de campo y la práctica de deportes de habilidades cerradas o abiertas. Deportes de habilidades abiertas son caracterizados por la interacción entre oponentes, y deportes de habilidades cerradas son caracterizados por la ausencia de interferencias externas sobre el desempeño del atleta. Dependencia-independencia de campo es una dimensión de estilo cognitivo asociada con el grado de diferenciación de las fronteras corporales. El Teste de Figuras Enmascaradas (GEFT) midió la independencia de campo en 149 atletas, 84 atletas de deportes de habilidades abiertas y 65 atletas de deportes de habilidades cerradas, 77 hombres y 72 mujeres. Hombres en deportes de habilidades cerradas mostraron mayor independencia de campo do que hombres en deportes de habilidades abiertas; esta diferencia no ocurrió en el grupo femenino. En los atletas de deportes de habilidades abiertas las mujeres revelaron mayor independencia de campo do que hombres. Los resultados apuntan la interacción entre estilo cognitivo y sexo para diferencias en independencia de campo.

Palabras-clave: estilo cognitivo; independencia de campo; deporte.

INTRODUÇÃO

A relação entre personalidade e esporte é um tópico de interesse para profissionais e pesquisadores preocupados em aperfeiçoar o desempenho de atletas de competição. O foco principal tem sido a busca do controle de interferências psicológicas indesejáveis, tais como a ansiedade, que possam prejudicar o rendimento desportivo (Matarazzo, 2000). Por outro lado, as pesquisas sobre os aspectos cognitivos do desempenho esportivo têm recebido atenção crescente nos últimos anos. Estudos sobre processos atencionais (Moran, 1998) e de tomada de decisão (Tallir, Musch, Valcke e Lenoir, 2005) são exemplos desta linha de pesquisa que destaca o tema dos estilos cognitivos.

Os estilos cognitivos são disposições relativamente estáveis que refletem preferências pessoais na recepção, processamento e resposta a estímulos externos (Williams e Anshel, 2000). A identificação do estilo cognitivo do atleta tem implicações significativas na aprendizagem e no desempenho desportivo. Para Sternberg e Grigorenko (1997), as razões para estudar os estilos cognitivos de desportistas incluem o entendimento da conexão entre a cognição e a personalidade do atleta, a melhora de resultados de aprendizagem, e o auxílio ao atleta na escolha de um esporte compatível com o seu estilo.

Esta pesquisa investigou a relação entre sexo, estilo cognitivo e a prática desportiva. A dimensão de estilo cognitivo investigada foi a dependência-independência de campo e as práticas desportivas foram classificadas em de habilidades abertas e de habilidades fechadas. O objetivo central desta investigação foi examinar se diferenças de estilo cognitivo estão associadas à interação entre sexo e tipo de prática desportiva.

O ESTILO COGNITIVO DEPENDÊNCIA-INDEPENDÊNCIA DE CAMPO

Diante de um problema qualquer (seja matemático, motor, lingüístico, etc.), os indivíduos usam, ou preferem usar, distintas estratégias de solução. Algumas estratégias são específicas de uma situação e não podem generalizar-se a outras, mas frequentemente identifica-se um padrão ou estilo geral, um modo de funcionamento característico de um indivíduo ou categoria de indivíduos ante diversas tarefas e situações. Este é o estilo cognitivo, uma consistência na realização cognitiva do sujeito, independente do conteúdo focalizado e da competência demonstrada (Messick, 1994).

A origem dos estilos cognitivos remonta ao trabalho de Hermann A. Witkin no final da década de 40 e início dos anos 50, quando investigou diferenças individuais na percepção da verticalidade da posição corporal (Witkin e Goodenough, 1991). As pesquisas de Witkin levaram ao desenvolvimento de três tarefas de laboratório, o Teste de Ajustamento Corporal (*Body Adjustment Test – BAT*), o Teste do Bastão e da Moldura (*Rod and Frame Test – RFT*) e o Teste da Sala Rotatória (*Rotating Room Test – RRT*).

No Teste de Ajustamento Corporal, o indivíduo deve encontrar a verticalidade do corpo ajustando sua posição numa cadeira inclinável para as laterais dentro de uma sala também inclinada. Neste estudo foi possível constatar que alguns sujeitos alinhavam o corpo de acordo com o campo externo (sala inclinada), fora da verdadeira vertical. Outros ignoravam o ambiente externo e ajustavam o corpo na vertical correta, guiando-se por estímulos internos (Witkin e Goodenough, 1991).

No Teste do Bastão e da Moldura (RFT), sujeitos sentados numa sala escura deveriam ajustar um bastão luminoso na posição vertical, com a dificuldade de estar o bastão posicionado dentro de uma moldura luminosa inclinada. No Teste da Sala Rotatória (RRT) os sujeitos eram sentados numa cadeira inclinada dentro de uma sala rotatória ao longo de uma pista circular, onde o corpo ficava submetido a uma força centrífuga; e nesta condição deveriam se posicionar na vertical. Em todas estas tarefas os sujeitos diferenciaram-se no uso predominante de referenciais internos ou externos. Aqueles que se baseavam nos referenciais internos do próprio corpo, revelando independência de campo, mostraram um ajuste mais preciso nos testes BAT e RFT, sendo este ajuste prejudicado na execução do RRT, onde aqueles que usavam os referentes externos obtinham melhores resultados (Witkin e Goodenough, 1991).

Portanto, os pesquisadores encontraram alta consistência no desempenho dos sujeitos nas três tarefas. Constataram que a percepção de alguns indivíduos da dimensão vertical era bastante influenciada pelo campo visual externo, enquanto outros percebiam a verticalidade corporal de modo independente da estimulação ambiental. Estes últimos, denominados independentes de campo, mostraram uma atitude analítica e atenção a possibilidades de desarticulação e articulação de elementos perceptivos. Os primeiros, denominados dependentes de campo, tenderam a experienciar o campo perceptivo de maneira global ou fusionada (Witkin e Goodenough, 1991).

Witkin e Goodenough (1991) avançaram suas pesquisas com tarefas que envolvessem a discriminação

de elementos inseridos num campo organizado. Foi elaborado o Teste das Figuras Mascaradas (*Embedded Figures Test* – EFT), onde os sujeitos devem encontrar figuras geométricas simples inseridas em figuras maiores e complexas. A maior ou menor dificuldade para execução desta tarefa foi altamente correlacionada com o desempenho nas tarefas de orientação corporal descritas acima. A maior facilidade de desmascaramento de figuras identificou os sujeitos independentes de campo. A seguir foi desenvolvida uma versão do EFT para aplicação coletiva, o GEFT (*Group Embedded Figures Test*).

Sendo assim, a dependência-independência de campo foi definida como um construto bipolar que caracteriza, nos seus extremos, sujeitos independentes e dependentes de campo. Esta variável também tem sido referida de forma unidirecional como o grau de independência de campo. Definida originalmente como estilo perceptivo, a dependência-independência de campo se revelou posteriormente um aspecto do funcionamento global da personalidade (Glicksohn, Naftuliev e Golan-Smooha, 2007). No âmbito do comportamento social, os independentes de campo apresentam maior autonomia, monitoram o seu comportamento internamente, são mais impessoais e menos afáveis em seus relacionamentos. No outro extremo, os dependentes de campo tendem a buscar no ambiente as orientações para os seus comportamentos, buscam o contato interpessoal e são menos autônomos (Liu, 2007).

DEPENDÊNCIA-INDEPENDÊNCIA DE CAMPO E A PRÁTICA DESPORTIVA

A relação entre o estilo cognitivo dependência-independência de campo (DIC) e a prática de esportes foi alvo de inúmeros estudos. Estas pesquisas revelaram alguns resultados consistentes e conclusivos, tais como a associação entre a independência de campo e estratégias de aprendizagem desportivas mais eficazes (Bakker, Whiting e Der Brug, 1993). Por outro lado, a relação entre DIC e modalidade de prática desportiva ainda é controversa. A maioria dos pesquisadores tem argumentado que a independência de campo está mais presente e favorece mais atletas em determinados esportes, denominados esportes de *habilidades fechadas*, sendo a dependência de campo mais adequada a esportes de *habilidades abertas*. Explica-se a seguir esta classificação das práticas desportivas (Guillot e Collet, 2004).

As habilidades motoras desportivas têm sido classificadas em habilidades fechadas e habilidades abertas. As habilidades fechadas são necessárias em

tarefas automonitoradas, que requerem uma consistência de resposta motora e são desempenhadas em ambientes onde os fatores relevantes são estacionários antes do início do movimento. Portanto, esportes de habilidades fechadas ocorrem em ambientes estáveis e previsíveis, onde nenhum outro corpo pode perturbar diretamente o desempenho do atleta. Nestes esportes, o atleta atua baseado primariamente no seu próprio senso de receptores internos ou propriocepção. Portanto, em competição, são pouco afetados pelos movimentos ou habilidades de parceiros de equipe ou oponentes. A corrida, a ginástica, a natação e o golfe são exemplos de esportes onde predominam as habilidades fechadas. As habilidades abertas são necessárias em tarefas monitoradas externamente, que são desempenhadas em ambientes onde os fatores relevantes são variáveis e requerem flexibilidade de resposta motora. Nesta categoria de esporte, as situações são imprevisíveis e mutantes (abertas), onde os oponentes podem interferir diretamente no desempenho do atleta, que atua de acordo com as condições apresentadas a cada momento. Exemplos destes esportes são os diversos jogos de bola (futebol, basquete, etc.) (Guillot e Collet, 2004).

Dada a diferença de processamento de informação envolvida (uso de esquemas internos versus o uso de esquemas externos) para o desempenho de em esportes de habilidades abertas e fechadas, Kane (1972) sugeriu que a independência de campo poderia ser uma vantagem para atletas de esportes de habilidades fechadas, os quais requerem alto grau de uso de informação interna (corporal). Este argumento recebeu bastante apoio em inúmeros estudos que demonstraram que atletas de esportes de habilidades fechadas são mais independentes de campo do que atletas de esportes habilidades abertas. As pesquisas de McLeod (1985) e Chu (1988) relataram que atletas de natação e ginástica eram mais independentes de campo do que atletas de basquete, vôlei e futebol. Estes achados foram confirmados no estudo de Caño e Marquez (1995), onde desportistas de natação e atletismo demonstraram maior independência de campo do que os de basquete, vôlei e futebol. Mais recentemente, Liu (2003) observou que atletas de alto rendimento em natação e modalidades de atletismo (habilidades fechadas) são mais independentes de campo do que os atletas de basquete, vôlei e *wrestling* (modalidade de luta livre) (habilidades abertas). E, a seguir, Guillot e Collet (2004) obtiveram resultados similares na comparação entre atletas de esportes acrobáticos (ginástica, *free skating*, *snowboard*) e atletas de jogos de bola (tênis e tênis de mesa).

Caño e Márquez (1995), Liu (1996) e Chu (1988) sugeriram que indivíduos com maior tendência a de-

pendência de campo escolhem a prática de jogos coletivos, uma vez que o desempenho nestes esportes requer a atenção e o ajustamento corporal a condições externas. E que os mais independentes de campo preferem condições solitárias de ação, onde podem utilizar suas capacidades analíticas sem serem perturbados. Esportes coletivos e individuais tendem a corresponder as modalidades desportivas denominadas de habilidades abertas e de habilidades fechadas, respectivamente.

DEPENDÊNCIA-INDEPENDÊNCIA DE CAMPO: DIFERENÇAS LIGADAS AO SEXO

Um dos achados mais consistentes e estabelecidos na literatura sobre independência de campo é o escore mais elevado dos homens em comparação as mulheres (Witkin e Goodenough, 1991). Na amostra de universitários brasileiros estudada por Bariani (1998), os homens mostraram escores mais elevados de independência de campo. A autora não encontrou interação entre sexo e curso universitário (biologia, psicologia, arquitetura) para diferenças em estilo cognitivo. Não há consenso sobre as causas das diferenças de estilo cognitivo ligadas ao sexo. Fatores biológicos (genéticos e hormonais), culturais e de história de vida (treinamento e práticas educativas) tem sido apontados (Bariani, 1998; Páramo e Tinajero, 1998). Entre os aspectos culturais, pesquisas indicam que as sociedades que exercem maior pressão de conformidade sobre seus membros favorecem a dependência de campo. E naquelas sociedades mais permissivas e que estimulam a autonomia, a independência de campo seria mais bem desenvolvida (Bagley, 1995; Páramo e Tinajero, 1998). Neste sentido, dada a relação positiva entre autonomia e independência de campo, Witkin e Goodenough (1991) hipotetizaram que os escores mais elevados dos homens em independência de campo são uma consequência de práticas de socialização que encorajam maior autonomia e separação em homens.

Esta pesquisa investigou se a independência de campo está associada à interação entre sexo e tipo de esporte. A revisão da literatura internacional sugere que atletas de esportes de habilidades fechadas são mais independentes de campo do que atletas de esportes de habilidades abertas. Esta relação ainda não foi investigada em amostras brasileiras. E a sabida influência de variáveis culturais sobre a independência de campo recomenda a replicação deste resultado no Brasil.

Tendo em vista a tendência revelada na literatura internacional, espera-se que os homens mostrem inclinação a maior independência de campo. Neste sentido, lança-se a hipótese de que atletas homens

praticantes de esportes de habilidades fechadas apresentem os escores mais elevados de independência de campo, e mulheres praticantes de esportes de habilidades abertas apresentem os escores mais baixos.

MÉTODO

Sujeitos

Participaram do estudo atletas residentes na região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, atuantes em competições de nível estadual e/ou nacional. Entre estes, 84 praticantes de esportes de habilidades abertas (handebol, basquete, futsal e futebol) e 65 praticantes de esportes de habilidades fechadas (modalidades de ginástica e atletismo), de ambos os sexos (72 mulheres e 77 homens), com idades entre 18 e 35 anos.

Instrumento

A independência de campo foi medida pelo Teste Grupal de Figuras Mascaradas (*Group Embedded Figure Test – GEFT*) (Witkin, Oltman, Raskin e Karp, 1987). Este teste consiste de 18 figuras geométricas complexas construídas de modo a ocultarem outras oito figuras simples. Os sujeitos são solicitados a encontrar e assinalar o contorno das figuras simples que estão ocultas em nível de dificuldade crescente. Cada figura desmascarada (isto é, corretamente assinalada) corresponde a um ponto num escore máximo de 18. Considera-se que a capacidade de desmascaramento significa que o sujeito possui habilidades de desestruturação e reestruturação perceptiva, isto é, possui um estilo cognitivo caracterizado por maior independência de campo. Sendo o GEFT um teste de rapidez, um método adequado para estimar sua fidedignidade é a correlação entre formas paralelas com idênticos limites de tempo. A correlação entre os nove elementos da primeira parte os nove elementos da segunda parte foi calculada segundo a fórmula de Spearman-Brown, resultando numa fidedignidade de 0,82 para ambos os sexos.

Procedimentos

As coletas de dados foram agendadas mediante consentimento de clubes empregadores, quando foi o caso, e demais responsáveis pelo treinamento dos atletas. Os dados foram coletados de forma individual e coletiva na instituição desportiva de afiliação dos atletas. A pesquisa foi realizada mediante aprovação do Comitê de Ética da instituição de vínculo do pesquisador. Foram atendidas as determinações éticas da resolução 196 do Conselho Nacional de Saúde

(CNS) sobre a pesquisa com seres humanos. Os dados foram analisados mediante ANOVA num delineamento fatorial 2X2 (sexo e tipo de esporte) tendo como variável dependente a independência de campo.

RESULTADOS

A Tabela 1 apresenta as médias e desvios padrão de independência de campo nas categorias esporte, sexo e modalidade esportiva.

TABELA 1
Valores de N, Médias e Desvios Padrão de Independência de Campo para Tipo de Esporte e Sexo.

Tipo de esporte	Sexo	N	Média	Desvio-padrão
Habilidades abertas	Homens	43	7,83	4,16
	Mulheres	41	10,09	3,73
	Total	84	8,94	4,09
Habilidades fechadas	Homens	34	10,61	4,08
	Mulheres	31	9,35	4,01
	Total	65	10,01	4,06
Total	Homens	77	9,06	4,32
	Mulheres	72	9,77	3,84
	Total	149	9,40	4,10

A análise de variância tendo como variável dependente a independência de campo, e como fatores independentes o tipo de esporte e o sexo, mostrou interação significativa entre os fatores, $F(1, 145) = 7,10$; $p < 0,01$. Não houve efeito simples para sexo e tipo de esporte.

As ANOVAS parciais revelaram que, no grupo dos homens, atletas de esportes de habilidades fechadas mostraram-se significativamente mais independentes de campo em relação aos atletas de habilidades abertas, $F(1, 76) = 8,61$; $p < 0,01$. E no grupo das mulheres não houve diferença significativa $F(1, 71) = 0,655$; $p > 0,05$. A comparação do grau de independência de campo entre homens e mulheres de esportes de habilidades abertas indicou escores significativamente mais elevados nas mulheres $F(1, 83) = 8,65$; $p < 0,01$. Não houve diferença quando comparados homens e mulheres de esportes de habilidades fechadas $F(1, 64) = 0,95$; $p > 0,05$.

DISCUSSÃO

Pesquisas anteriores mostraram que, de um modo geral, os homens tendem a ser mais independentes de campo do que as mulheres. Na amostra de atletas da presente pesquisa, esta diferença se mostrou favorável às mulheres na dependência do tipo de

esporte. Houve diferença entre os sexos no grupo de atletas praticantes de esportes de habilidades abertas, sendo as mulheres mais independentes. Este dado contraria a hipótese inicial de que este seria o grupo caracterizado por menor independência de campo. E contrasta com os achados de Cano e Márquez (1995), que relataram menores escores de independência de campo em mulheres de esportes de habilidades abertas em comparação a homens atletas de esportes de habilidades fechadas e não-atletas. Uma possibilidade de entendimento deste resultado inesperado é oferecida por pesquisas sobre a influência da orientação de papel sexual e/ou socialização diferencial dos sexos sobre a independência de campo e a prática de esportes.

Vários estudos relataram que sujeitos com orientação de papel sexual masculina são mais independentes de campo do que os femininos, sem relação com o sexo biológico (Balisteri e Busch-Rossnagel, 1989; Chynn, Garrod, Demick e DeVos, 1991; Petrakis, 1981; Wehr e Gilroy, 1986). Sabe-se que os esportes competitivos têm sido tradicionalmente percebidos como um domínio onde os homens são encorajados a buscar uma identidade de papel sexual masculina (Nixon e Frey, 1996). E os estudos de Lantz e Schroeder (1999) e Butcher (1989) indicaram uma associação entre identidade desportiva e masculinidade em mulheres. Portanto, a escolha por esportes de alto contato físico, com maior demanda de agressividade, tais como o futsal, basquete e handebol, sugere que a personalidade das mulheres atletas de esportes de habilidades abertas estudados nesta pesquisa se caracterize por traços do estereótipo de gênero masculino, o que pode estar associado aos escores elevados de independência de campo apresentados por estas desportistas.

Outra possibilidade de entendimento deste resultado pode ser encontrada descrição dos estilos de comportamento social característicos de independentes e dependentes de campo. Witkin e Goodenough (1991) salientaram a manifestação da dependência-independência de campo em comportamentos sociais diferenciados. Os dependentes tendem a aceitar os esquemas dominantes do seu ambiente social para definir suas atitudes, crenças e sentimentos. Em contraste, os independentes de campo apresentam uma orientação mais impessoal e tendem a adequar suas condutas a referentes internos (Liu, 2007). Petrakis (1981) não encontrou diferença de independência de campo ligada ao sexo em seu estudo, e associou este resultado a escolha vocacional não-tradicional feita pelas mulheres de sua amostra, que, segundo o autor, revelaram independência em relação às pressões sociais de conformidade aos papéis sexuais. Neste sentido, Elderkin-Thompson, Bowater, MacCreadle e

Fidler (1988) sugeriram que mulheres independentes de campo utilizam seu senso de autonomia para resistir às pressões sociais de conformidade aos estereótipos de gênero. Sendo assim, sugere-se que as mulheres participantes da presente pesquisa, ao dedicarem-se a prática de esportes competitivos com embate corporal, tenham expressado uma preferência vocacional não-tradicional no que tange aos estereótipos de gênero. E esta escolha foi favorecida por apresentarem um estilo cognitivo mais independente de campo.

Ainda noutra perspectiva, inúmeras pesquisas mostraram que atletas tendem a obter escores mais elevados de independência de campo do que não atletas (Liu, 2006, 2007; Raviv e Nabel, 1990) sugerindo que o envolvimento em esportes pode ter elevado o grau de independência de campo das mulheres participantes do presente estudo. Portanto, refletindo sobre os dados apresentados nesta e em outras pesquisas (Liu, 2006, 2007; Raviv e Nabel, 1990), salienta-se a possibilidade de ocorrerem efeitos de treinamento sobre o grau de independência de campo. Será que a prática regular de esportes resulta em maior independência de campo ou indivíduos independentes de campo tendem a se identificar com o papel de atleta? Esta é uma questão ainda por ser elucidada. A hipótese de que o treinamento atlético resulta num desempenho mais independente de campo não recebeu confirmação empírica clara e significativa até o momento (Grouet, Talbot, Drouin e Trudel 1988; Lambrecht, e Cuevas, 2007). E a comparação entre atletas e não-atletas apresentou resultados contraditórios (Grouet, Talbot, Drouin e Trudel 1988; Lambrecht, e Cuevas, 2007; Taberner e Márquez, 1999; Witkin e Goodenough, 1991).

Em relação ao grupo masculino, as hipóteses iniciais foram confirmadas. A estatística descritiva informa que atletas homens praticantes de modalidades esportivas fechadas mostraram a média mais elevada de independência de campo. A análise de variância mostrou diferença significativa entre este grupo e homens praticantes de esportes de modalidades abertas. Portanto, no grupo dos homens, as diferenças corroboraram os achados da literatura internacional (Liu, 2003; Guillot e Collet, 2004), indicando que a independência de campo está mais presente e/ou favorece a escolha e o desempenho de esportes caracterizados pela demanda de habilidades de diferenciação cognitiva da percepção corporal. Além disto, do ponto de vista dos comportamentos sociais característicos dos indivíduos nos extremos da dimensão dependência-independência de campo, pode-se dizer que os independentes preferem situações solitárias, onde possam usar suas habilidades analíticas sem serem perturbados. E os indivíduos mais dependentes de campo preferem esportes interativos

de equipe, onde podem acompanhar e interagir com pessoas e situações.

Conclui-se que a dimensão de estilo cognitivo dependência-independência de campo contribui para o entendimento da relação entre diferenças individuais e prática desportiva; e que a caracterização da personalidade de atletas de esportes de habilidades abertas e de esportes de habilidades fechadas deve levar em consideração a variável sexo. Recomenda-se que pesquisas futuras sobre o tema incluam a avaliação da orientação de papel sexual dos atletas, a fim de esclarecer a possível influência deste fator. Por fim, acredita-se que, por situar-se na interface entre a personalidade e processos cognitivos envolvidos no controle do movimento, o estudo das relações entre estilos cognitivos e comportamento desportivo é uma área promissora tanto para a construção teórica quanto para a intervenção em psicologia do esporte.

REFERÊNCIAS

- Bagley, C. (1995). Field Independence in Children in Group-Oriented Cultures: Comparisons from China, Japan, and North America. *Journal of Social Psychology, 135*, 4, 342-351.
- Bariani, I. A. (1998). Estilos cognitivos de universitários e iniciação científica. Tese de doutorado não publicada. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de educação.
- Bakker, F.C., Whiting, H.T. A., & Berbrug, V. (1993). *Psicología del deporte: conceptos y aplicaciones*. Madrid: Ediciones Morata.
- Balisteri, E., & Busch-Rossnagel, N.A. (1989). Field independence as a function of sex-roles, and the sex-role appropriateness of the task. *Perceptual and Motor Skills, 68*, 115-121.
- Butcher, J.E. (1989). Adolescent girls' sex role development: Relationship with sports participation, self-esteem, and age at menarche *Sex Roles, 20*, 9, 457-468.
- Caño, J.E., & Marquez, S. (1995). Field dependence-independence of male and female spanish athletes. *Perceptual and Motor Skills, 80*, 1155-1161.
- Chu, Y.D. (1988). Experimental studies of field dependence in athletes. In S.J. Shie, & H.C. Zhang (Orgs.). *Cognitive styles experimental studies of a personality dimension* (pp. 190-205). Beijing: Beijing University Press.
- Chynn, E.W., Garrod, A., Demick, J., & DeVos, E. (1991). Correlations among field dependence-independence, sex, sex-role stereotype, and age of preschoolers. *Perceptual and Motor Skills, 73*, 747-756.
- Elderkin-Thompson, V.D., Bowater, K., MacCreadle, T.M., & Fidler, F.L. (1988). Field dependency in relation to sex-role self-concept: a new look. Trabalho apresentado no Annual Meeting of the Western Psychological Association, San Francisco, California, *ERIC Reports*. 30p.
- Glicksohn, J., Naftuliev, Y., & Golan-Smooha, H. (2007). Extraversion, psychoticism, sensation seeking and field dependence-independence: Will the true relationship please reveal itself? *Personality and Individual Differences, 42*, 7, 1175-1185.
- Goulet, C., Talbot, S., Drouin, D., & Trudel, P. (1988). Effect of structured ice hockey training on scores on field-independence. *Perceptual and Motor Skills, 66*, 1, 175-181.

- Guillot, A; Collet, C. (2004). Field dependence-independence in complex motor skills. *Perceptual and Motor Skills*, 98, 2, 575-583.
- Kane, J.E. (1972). Personality, body concept and performance. In J.E. Kane (Org.). *Psychological aspects of physical education and sports* (pp. 91-127). London: WPS.
- Lambrecht, J.L., & Cuevas, J.L. (2007). Field dependence-independence as related to young women's participation in sports activity. *Perceptual and Motor Skills*, 104, 3, 1076-1078.
- Lantz, C.D., & Schroeder, P.J. (1999). Endorsement of Masculine and Feminine Gender Roles: Differences between Participation in and Identification with the Athletic Role *Journal of Sport Behavior*, 34, 2, 189-197.
- Liu, W.H. (1996). Review of recent Chinese research on field dependence-independence in high level athletes. *Perceptual and Motor Skills*, 83, 1887-1993.
- Liu, W. (2003). Field dependence-independence and sports with a preponderance of open or closed skill. *Journal of Sport Behavior*, 26, 285-297.
- Liu, W.H. (2006). Field dependence-independence and participation in physical activity by college students, *Perceptual and Motor Skills*, 102, 3, 806-814
- Liu, W.H. (2007). Field dependence-independence and physical activity of black and white adolescents. *Perceptual and Motor Skills*, 104, 3, 722-724.
- McLeod, B. (1985). Field dependence as a factor in sports with preponderance of open or closed skills, *Perceptual and Motor Skills*, 60, 369-370.
- Matarazzo, F. (2000). A tipologia junguiana e sua utilização no esporte. In K. Rubio (Org.). *Psicologia do esporte: interfaces, pesquisa e intervenção* (pp. 67-85). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Messick, S. (1994). The matter of style: manifestations of personality in cognition, learning, and teaching. *Educational Psychologist*, 29, 3, 121-136.
- Moran, A.P. (1998). Cognitive styles constructs in sport: explanatory and attentional processes in athletes. *International Journal of Educational Research*, 29, 277-286.
- Nixon, H.L., & Frey, J.H. (1996). *Sociology of sport*. California: Wadsworth.
- Páramo, M.F., & Tinajero, C. (1998). Family process and field dependence-independence: a proposal for a new conceptual framework. *International Journal of Educational Research*, 29, 205-218.
- Petrakis, E. (1981). Cognitive styles of physical Education Majors. *Perceptual and Motor Skills*, 53, 574.-585.
- Raviv, S., & Nabel, N. (1990). Relationship between two different measures of field-dependence and athletic performance. *Perceptual and Motor Skills*, 70, 1, 75-81.
- Sternberg, R.J., & Grigorenko, E.L. (1997). Are cognitive styles still in style? *American Psychologist*, 52, 700-712.
- Taberero B., & Márquez, S. (1999). Field dependence-independence of basketball referees. *Perceptual and Motor Skills*, 88, 929-34.
- Tallir, I.B., Musch, E., Valcke, M., & Lenoir, M. (2005). Effects of two instructional approaches for basketball on decision-making and recognition ability. *International Journal of Sport Psychology*, 36, 2, 107-126.
- Wehr, J.V., & Gilroy, F. D. (1986). Sex-role orientation as a predictor of preferential cognitive response style. *Journal of Clinical Psychology*, 42, 1, 82-86.
- Williams, L.R.T., Mark, H., Anshel, M.H., Quek, J.J. (1997). Cognitive style in adolescent competitive athletes as a function of culture and gender *Journal of Sport Behavior*, 20, 2, 232-246.
- Williams, L.R.T., & Anshel, M.H. (2000). Cognitive styles in adolescent athletes. *Journal of Sport Behavior*, 23, 1, 70-89.
- Witkin, W., Oltman, P., Raskin, E., & Karp, S. (1987). *A Manual for the Group Embedded Figures Tests*. Madrid: TEA.
- Witkin, W., & Goodenough, D.R. (1991). *Estilos cognitivos: naturaleza y orígenes*. Madrid: Pirámide.

Recebido em: 20/05/2010. Aceito em: 20/09/2010.

Autores:

Mauro de Oliveira Magalhães – Psicólogo (PUCRS, 1989). Doutor em Psicologia (UFRGS, 2005). Professor Adjunto no Instituto de Psicologia e no Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal da Bahia. <<http://lattes.cnpq.br/1030866694470493>>.

Carolina Collares Borghetti – Psicóloga (ULBRA, 2003). Especialista em Ciências da Saúde e do Desporto (PUCRS, 2008). <<http://lattes.cnpq.br/6187392295160195>>. E-mail: <borghettiverde@hotmail.com>.

Lia Mara da Rocha – Psicóloga (ULBRA, 2001). Especialista em Psicopedagogia (FAPA, 2007). E-mail: <lialeiria@gmail.com>.

Enviar correspondência para:

Mauro de Oliveira Magalhães
Rua Tenente Pires Ferreira 308-A/201
40130-160, Salvador, BA, Brasil
E-mail: <mauro.m@terra.com.br>